

Decisão de Sarney está próxima

O presidente José Sarney deixará para a volta de sua visita oficial à União Soviética a definição sobre o envolvimento ou não do Governo no processo sucessório da Câmara. Ele inicialmente havia marcado para anunciar sua decisão entre os dias 5 e 10 de outubro, todavia lideranças políticas mais próximas acham que não é preciso reaquecer o assunto, que, aparentemente, amornou nos últimos dias.

Como o Presidente viajaria com alguns de seus líderes, vai aproveitar as muitas horas que estarão juntos para aprofundar o debate sobre o assunto, que passa pela conveniência ou não de se envolver no processo. Caso a decisão seja positiva, o Governo analisará o nome mais viável para abraçar a candidatura com garra, já que uma derrota representaria ônus muito grave no futuro.

Os analistas políticos preferem postergar a definição achando que o processo de sucessão, de repente esfriou. O nome considerado mais forte, o deputado Paes de Andrade, continua em campanha mas usando os mesmos métodos de aliciamento de votos: conversas pessoais e atendimentos dos pleitos dos colegas. O outro candidato, Bernardo Cabral, só agora com a conclusão da Constituição entrará firme na campanha, embora há quem diga que ele teria a simpatia do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.

Mas essa simpatia também, segundo outros políticos, estaria dividida com Luiz Henrique. Este, em caráter muito reservado começou um processo de

sondagens para ver o grau de repercussão do seu nome. Na bancada do PFL, por exemplo, transita fácil, aparecendo como o preferido do líder José Lourenço. Mas os votos dependem de uma consulta mais ampla aos pefeлистas. Sexta-feira, ainda, Luiz Henrique esteve no Palácio do Planalto, com o presidente José Sarney.

Além de verbas para seu Estado, Santa Catarina, apurou a posição do Presidente em relação à sucessão da Câmara. Ele, se conseguisse o apoio do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, teria meios de sensibilizar setores do Palácio do Planalto para apoiá-lo. Só que essa ponte depende de um dado fundamental: definir o interesse em escolher um candidato comum, algo que parece descartado para os mais ligados ao presidente José Sarney.

Entre os líderes governistas, a opinião sobre o assunto é também muito dividida. O senador Marcondes Gadelha, apesar de líder do PFL no Senado, abraçou a candidatura do deputado Paes de Andrade e já esteve algumas vezes com o presidente José Sarney advo^go a n d o s e u n â o envolvimento na sucessão da Câmara. Numa dessas oportunidades, mostrou inclusive que, apesar de quatroanista e um homem que nunca votou a favor de nada do interesse do Executivo, Paes de Andrade também não era hostil e inspirava confiança.

O líder José Lourenço também prefere que a sucessão da Câmara seja resolvida pelos deputados, dispensando qualquer tipo de interferência do Gover-

no. Ele tem corrido em faixa própria, a ponto de já ter até escolhido o nome do 1º vice-presidente, cargo que pela proporcionalidade na Mesa cabe ao PFL e será ocupado pelo deputado Inocêncio Oliveira. Depois, sabe que sua bancada terá um peso importante nessa eleição.

O líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna, tem uma posição clara: se for apoio para perder, será melhor liberar os governistas para escolher o candidato da conveniência de cada um. Ele ouviu, há cerca de 15 dias, severas críticas ao Executivo por não adotar uma posição firme e atuante em relação à sucessão da Câmara, feitas por grande parte do seu colégio de vice-líderes.

O problema tem sua complexidade porque envolve a Vice-Presidência da República, ocupada pelo presidente da Câmara: nos impedimentos do titular. É por esse lado que o Governo tende a escolher um candidato e participar do processo para ganhar. Toda-via, como a divisão de opinião entre os líderes é notória, o presidente José Sarney poderá preferir retardar um pouco mais do que o previsto a sua definição. Caso adote um candidato, fará uma avaliação criteriosa de quem tem melhores chances, sem ingredientes emocionais nem de amizade, já que a disputa será acirrada e envolve muitos interesses correlatos. O novo presidente da Câmara, por exemplo, participará no cargo da sucessão presidencial e poderá facilitar ou barrar as iniciativas de formar um bloco parlamentar de sustentação do Governo na Casa.